

“SE VÊ O BÁSICO DO BÁSICO,  
QUANDO A TURMA RENDE”:  
CENÁRIO DA EDUCAÇÃO  
FINANCEIRA NO COTIDIANO  
ESCOLAR

“IF YOU SEE THE BASIC OF  
THE BASICS, WHEN THE  
SCHOOL DOES RENDER”:  
FINANCIAL EDUCATION  
SCENARIO IN THE SCHOOL  
DAILY

Luana Araújo Carvalho\*, Universidade La Salle (La Salle) - Brasil  
luana\_araujocarvalho@hotmail.com

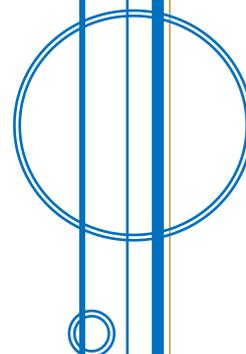
Robinson Henrique Scholz, Universidade La Salle (La Salle) - Brasil  
robinsonscholz@hotmail.com

Submetido: Novembro 2017

Aceito: Abril 2018

\*Contato para Correspondência

DOI: 10.18226/23190639.v6n2.05e



### **Resumo:**

O artigo tem o objetivo de analisar a importância da educação financeira aplicada para os alunos de ensino fundamental e médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Afonso Machado Coelho, situada no município de Triunfo, RS, Brasil. A educação financeira é um tema que ainda é pouco abordado no ambiente escolar e devido a carência de conhecimento, se cria uma sociedade consumista e impulsiva. O método utilizado durante a pesquisa foi o qualitativo, por meio de um estudo de caso. Nas análises realizadas, percebeu-se que normalmente a educação financeira é vinculada a disciplina de matemática e não como matéria isolada. Concluiu-se, ao final dos resultados, que a educação financeira é um tema de relevância para o aluno de ensino fundamental e médio, sendo essencial na formação de um cidadão consciente. O estudante pode consolidar seus conhecimentos financeiros no ambiente escolar e ao chegar na vida adulta, poderá ter um pensamento mais crítico e analítico. Além disso, poderá ser capaz de identificar com mais facilidade as armadilhas existentes no mercado financeiro e tomar as decisões financeiras mais adequadas e precisas.

**Palavras-chave:** Educação financeira; Finanças; Escolas.

### **Abstract:**

This article aims to analyze the importance of basic education for the elementary and high school students of Afonso Machado Coelho elementary and high school, located at the county of Triunfo, RS, Brazil. Financial education is a subject that is still little approached on school environment and due to this lack of knowledge, it creates a consumerist and impulsive society. The method used during the research was qualitative, through a case study. In the analyzes carried out, it was noticed that financial education is usually linked to the mathematics discipline and not as isolated matter. It was concluded at the end of the results, that financial education is a subject of great relevance for primary and secondary school students, with a fundamental role in the formation of a conscious citizen. The student can consolidate your financial knowledge in the school environment and when arriving in adult life, may have a more critical and analytical thinking. In addition, it can more easily identify the pitfalls in the financial market and make the most appropriate and accurate financial decisions.

**Keywords:** Financial education; Finances; School life.

## **1 Introdução**

A abordagem da matemática financeira em sala de aula ainda sofre um processo de desenvolvimento que atenda a realidade contemporânea. Apesar de algumas escolas já terem inseridos a educação financeira em suas grades curriculares, os conteúdos financeiros aplicados não atendem às demandas dos estudantes. Os temas abordados em sala de aula podem acompanhar os acontecimentos e práticas vivenciadas também fora do ambiente escolar. É importante que os alunos desde cedo possam compreender as situações cotidianas, seja no âmbito da economia, finanças, política. (Júnior & Schimiguel, 2009). A educação financeira ainda não foi inserida oficialmente nas grades curriculares, devido, até então, a falta de “preocupação explícita do MEC com a inserção da educação financeira no ensino” (Savoia,

Saito & Santana, 2007, p. 1134). No entanto, as escolas podem trazer o tema da matemática financeira atrelado com as demais disciplinas já existentes no currículo escolar. O interessante é que a educação financeira tenha mais espaço nas escolas, com o intuito de capacitar os alunos para situações financeiras futuras (Júnior & Schimiguel, 2009), visto que o cenário atual em que a sociedade se encontra é de endividamento, carente de informação e principalmente necessitado de conhecimento financeiro.

Nesse sentido, a questão problema deste artigo é: Qual a importância de se ter educação financeira dentro do ensino fundamental e médio? A problemática contribuir na emergência do objetivo geral centrado em analisar a importância da educação financeira aplicada para os alunos de ensino fundamental e médio.

Perante essa falta de orientação financeira que a sociedade se encontra, observa-se o aumento de famílias brasileiras endividadas que não sabem como administrar e aplicar suas rendas de forma cautelosa e positiva. A população brasileira está cada vez mais consumista, deixando-se levar a compras e investimentos impulsivos, sem o devido controle, tais ações não planejadas acarretam em dívidas não programadas. Pode-se reportar uma interpretação sobre esse fato a possibilidade de as pessoas fazerem mau uso do dinheiro por terem carência de conhecimento financeiro. Entende-se, todavia, que administrar o dinheiro e os recursos financeiros não é uma tarefa fácil para aqueles que nunca tiveram a educação financeira presentes em sua vida e esta falta de conhecimento reflete na presente instabilidade econômica do país.

O estudo do presente artigo abre as portas para uma nova abordagem a ser usada nas escolas, trazendo a educação financeira para o cotidiano dos estudantes e mostrando a eles as diversas situações que esta temática abrange, formando gerações mais propícias a ter uma vida financeira equilibrada e saudável. Assim como no ambiente escolar, a abordagem da educação financeira deve ser praticada também dentro do convívio familiar, pois os pais são os primeiros exemplos que as crianças se espelham na vida e o bom ou mau uso do dinheiro é refletido na formação de seus filhos. A educação financeira deve ser praticada no ambiente familiar como hábito, desenvolvendo na criança desde cedo noções básicas de finanças para que no futuro se possa ter uma sociedade consciente e mais tranquila nas tomadas de decisões financeiras.

A falta de conhecimento financeiro também atinge a didática da educação de nível superior, uma vez que há dificuldades por parte do aluno em entender assuntos que até então nunca tinha tido conhecimento na vida escolar anteriormente. Para as universidades, a evolução deste tema já no nível médio e fundamental é um grande suporte para alavancar a formação do

indivíduo como profissional e intelectual, considerando que o estudante ao ingressar no curso superior já com uma visão mais crítica e racional (tendo os conceitos básicos de finanças já estabelecidos em sua vida), facilitará o seu aprendizado e entendimento de conceitos mais sólidos e complexos explorados na vida acadêmica.

Diante deste desequilíbrio financeiro em que muitas pessoas se encontram, surge a necessidade de que as escolas públicas e privadas usem a educação financeira como tema de abordagem e tomem a iniciativa de mostrar o mais cedo possível os conceitos básicos da área financeira. Desta forma os alunos começam a desenvolver dentro de si o lado crítico e criam análises financeiras com mais precisão perante as suas tomadas de decisões que lhe são apresentadas no dia a dia (Theodoro, 2010).

Assim, o presente artigo traz esta primeira seção de introdução, seguido as seções dois e três sobre os referenciais teóricos para dar um melhor entendimento sobre educação financeira e finanças pessoais. Na quarta seção é apresentada a metodologia, na qual foi desenvolvida de forma qualitativa e exploratória, no delineamento de pesquisa foi usado o estudo de caso. Os dados coletados foram realizados por levantamentos e verificações de documentos orientadores de educação básica publicados pelo Ministério da Educação e Cultura; análises dos planos de estudos curriculares dos cursos de ensino fundamental e médio da escola Afonso Machado Coelho, instituição situada no município de Triunfo; aplicação de quatro entrevistas ministradas de forma individual e uma entrevista em grupo focal. Na entrevista individual usou-se como sujeito de pesquisa a coordenadora da disciplina de matemática do ensino fundamental e médio, e quanto a entrevista em grupo focal, tiveram participação quatro professores de matemática que atuam na escola nos cursos de ensino fundamental e médio. Na seção posterior, são trazidas as análises dos dados interpretados à luz da análise de conteúdo e por fim, as considerações finais.

## **2 Referencial Teórico**

### **2.1 Educação Financeira**

A educação financeira é um tema distante da realidade da sociedade brasileira, longe principalmente do alcance dos jovens e crianças que não tem a devida conscientização e preparação das questões financeiras (De Souza, 2012). Segundo o Banco Central do Brasil (2013), vive-se numa sociedade em que a educação financeira é pouco debatida. Tanto nas escolas, como nas empresas e inclusive no ambiente familiar. Discutir sobre assuntos

financeiros é algo estranho ainda. Para mudar esta situação é preciso praticar mais esta cultura e disseminar a importância do conhecimento financeiro.

O dinheiro está presente na vida das pessoas desde muito cedo, e por isso é importante a educação financeira estar presente já na vida escolar, para que assim se possa utilizar deste recurso em favor das finanças pessoais, administrando de forma adequada e eficiente. A educação financeira tem o princípio de desenvolver o consumo consciente nas pessoas, aumentando o pensamento crítico, avaliativo e influenciando diretamente na melhor maneira de utilizar o dinheiro (Banco Central Do Brasil, 2013).

Conforme Savoia, Saito e Santana (2007), a educação financeira é fundamental para os dias atuais que se enfrenta, servindo como auxílio para as pessoas nas tomadas de decisões financeiras. O aumento de ofertas de bens e serviços acompanhado da facilidade de crédito ao consumidor, facilitou o crescimento de dívidas não programadas e ao mau uso do dinheiro. Coelho (2014, p. 25) aponta que “[...] a variabilidade de produtos promoveu uma mudança de comportamento no indivíduo, fazendo com que o mesmo fique cada vez mais atraído pelo consumismo, ocasionando problemas de gestão financeira”.

As pessoas têm dificuldades de enxergar as taxas e juros embutidos nos produtos pelas empresas, pois estes juros muitas vezes se encontram de forma oculta para justamente camuflar o real valor dos produtos ou serviços ofertados, principalmente daqueles oferecidos a prazo (Silveira, 2010). Nestes casos, é importante que se saiba aplicar o conhecimento financeiro em situações vivenciadas no dia a dia, seja por meio de fórmulas ou até mesmo usando uma calculadora financeira, o consumidor é capaz de descobrir o verdadeiro preço que se paga à vista, a prazo, qual a taxa cobrada e outros fatores financeiros que influenciam no valor de um bem ou serviço, evitando desta forma perdas não programadas (Grando, & Schneider, 2012).

Por existir esta vulnerabilidade do consumidor jovem perante a tantas ofertas, cria-se uma necessidade de ser ter uma orientação financeira voltada para este público, conforme citação abaixo:

Os adultos de hoje não aprenderam a lidar com o dinheiro, o que também os impede de ensinar seus filhos a fazer o mesmo. Os jovens da chamada geração Z foram criados em um ambiente tomado por inovações tecnológicas, muitas delas ditas essenciais para o desenvolvimento pessoal, social e profissional. Tais inovações trouxeram com elas novos dispositivos ultramodernos como os *smartphones*, *tablets*, *games*, dentre outros aparelhos que quase sempre apresentam custos bem elevados. A educação financeira amplia habilidades que facilitem as pessoas a tomarem decisões acertadas e com qualidade na gestão financeira pessoal. Para isso, é preciso que haja transmissão de conhecimentos para que suas capacidades financeiras sejam ampliadas e colocadas em prática no dia a dia (Correia, 2015, p. 10).

Ainda precisa ser melhor desenvolvido na juventude brasileira uma cultura familiar de disseminar os conceitos do que é supérfluo e o que é realmente necessário. Dessa forma, “a falta de controle financeiro e o endividamento das famílias em decorrência dos padrões elevados de consumo, afeta não só a saúde financeira pessoal, mas o desenvolvimento das economias e sua sustentabilidade no longo prazo” (Wisniewski, 2011, p. 160). E devido esta carência de educação financeira no ambiente familiar, as escolas desenvolvem papel fundamental em trazer esta temática para a sala de aula, preocupando-se ainda mais em “[...] promover no aluno as habilidades e competências de analisar e avaliar, criticamente, as situações financeiras que se apresentam em sua vida” (Júnior & Schimiguel, 2009, p. 5).

Ainda segundo o autor citado anteriormente, as escolas devem acompanhar as exigências do mundo com a realidade dos alunos, uma vez que é importante que os alunos desde cedo possam compreender os fatos que ocorrem no dia a dia, seja no âmbito da economia, da política e até mesmo das finanças. Para tanto, as escolas têm a opção de abordar a educação financeira nas salas de aulas por meio dos temas transversais, nos quais são trazidos temas importantes para a formação do cidadão. É mediante este tipo de contextualização que a criança e o jovem começam a entender situações reais e a compreender como “[...] funciona a economia da sua casa, a conta de telefone, água, energia elétrica [...]” (Theodoro, 2010, p. 173).

É com presença dos conceitos financeiros já no início da vida escolar que o estudante já vai se preparando para uma vida financeira bem mais pensada, planejada e equilibrada, se familiarizando diante das situações cotidianas (Lima & De Sá, 2010). A educação financeira é um aprendizado que não será usado em um só momento, pois a criança levará consigo para a vida toda. O futuro financeiro promissor da sociedade é reflexo da educação recebida no presente (Brasil, 2015), uma vez que “a criança é ‘terreno fértil’ para novas realizações, basta motivá-las e ensiná-las o caminho e elas formaram novas mentalidades em todos os segmentos da sociedade” (Theodoro, 2010, p. 179). O conhecimento passado hoje para esta nova geração, é o que conseqüentemente será disseminado no futuro.

Sob este prisma, Krüger (2014, p. 32) defende que “a educação serve como alicerce para o desenvolvimento cognitivo. Conseqüentemente, os pensamentos tendem a sofrer alterações à medida que a bagagem de conhecimentos se aprimora em virtude da instrução”. Ainda segundo a autora, o objetivo da educação financeira é o amadurecimento de pensar e analisar situações de risco na hora de tomar uma decisão financeira, avaliando a real necessidade de investir, adquirir ou poupar, sendo estas ações que irão refletir na condição financeira do indivíduo (Krüger, 2014). Alguns recursos tecnológicos podem facilitar estas tomadas de decisões, tais

como o uso de calculadoras, planilhas eletrônicas e aplicativos. Esses recursos tecnológicos são ferramentas de auxílio financeiro que podem ser utilizados em casos para analisar uma compra a prazo, um investimento, uma aplicação ou qualquer outra circunstância que envolva o dinheiro, podendo gerar um resultado preciso e satisfatório (Lima & De Sá, 2010).

É importante que as escolas usem destes recursos em sala de aula, juntamente com a aplicação dos conceitos matemáticos financeiros já no começo da vida escolar do aluno, pois “o processo de educação financeira é longo. É ensinar uma criança para que, na fase jovem e adulta (quando obter nas mãos responsabilidades com a administração do dinheiro) ela saiba aplica-la” (De Souza, 2012, p. 64). Conforme Brasil (2015), “o grande desafio da educação não é educar para hoje, mas educar para que os resultados possam florescer em 15, 20 ou 30 anos”. Desta forma, pode-se dizer que a educação financeira tem papel fundamental na formação do cidadão, pois ela consegue trazer além de conceitos matemáticos, a capacitação de alunos mais conscientes, seja no eixo social como no econômico, e isso reluz a uma melhor qualidade de vida da cidadania como um todo (Duarte, Tassote, Viana & Dias, 2012).

## **2.2 Finanças Pessoais**

Uma vida financeira saudável e estável traz consequências positivas para a vida das pessoas, que conseguem realizar seus projetos com mais tranquilidade e tempo. Evitando também assim momentos de estresses, preocupações e de aflição por conta da falta de dinheiro (Gräf & Gräf, 2013). O bom uso do dinheiro reflete de forma agradável na vida das pessoas, quando estas começam a assimilar o conhecimento financeiro com suas tomadas de decisões. Gitman (2010) defende que o entendimento e compreensão da administração financeira impactará na boa administração das finanças pessoais.

Assim como nas empresas as famílias também têm como objetivo financeiro a maximização do lucro, neste caso mais propriamente dito, ganhar dinheiro. As pessoas têm como meta a geração de riquezas contínua (Hoji, 2011). O uso de conceitos financeiros está muito presente na vida das pessoas, desde uma simples compra do dia a dia até mesmo a aquisição de uma casa ou um carro, onde nesses casos, é preciso fazer uma análise mais detalhada, relacionando as condições de pagamento, preço, prazo, juros e renda, cujos fatores estão relacionados diretamente com os fundamentos básicos de finanças (Duarte et al., 2012).

Para Lima e De Sá (2010), a falta de análise financeira promove muitas vezes situações de risco ao consumidor, que por falta de conceitos matemáticos financeiros adequados, não conseguem tomar as decisões corretas. Savoia, Saito e Santana (2010) explicam que a limitação

de conhecimento por parte da população em relação a assuntos financeiros compromete a situação econômica das famílias. Ainda segundo os autores, as famílias brasileiras assumem compromissos de longa data sem ter a devida clareza, planejamento e informação dos riscos que um investimento a longo prazo pode acarretar.

Este descontrole financeiro abrange até mesmo classes sociais mais baixas, pois segundo Theodoro (2010, p. 173) há uma preocupação sobre [...] o analfabetismo financeiro, ou seja, a falta de educação financeira é refletida em pesquisas que comprovam que setenta e cinco por cento dos brasileiros das classes C, D e E não se preocupam com o valor dos juros a serem pagos numa compra”. As pessoas estão motivadas por aquele momento de impulso a adquirir imediatamente determinado produto e acabam comprometendo a sua renda sem o devido planejamento e análise do orçamento, a consequência é o endividamento (Gräf & Gräf, 2013).

A facilidade de crédito, até mesmo para os menos favorecidos financeiramente, é outro cenário propício para a sociedade se endividar, pois, as pessoas compram mais do que seu orçamento é capaz de suportar, faltando para estas pessoas o controle financeiro e a percepção de riscos a longo prazo (Gräf & Gräf, 2013). Para fugir destas armadilhas do consumo inconsciente, é preciso saber que “utilizar bem o dinheiro, gastando menos do que se ganha, consiste em pagar as contas e aproveitar momentos de lazer, buscando um equilíbrio financeiro no fim do mês” (Brasil, 2015, p. 51). Neste sentido, a matemática financeira serve como uma ferramenta de auxílio nas tomadas de decisões e é por meio do seu aprendizado que o cidadão consegue distinguir as melhores condições de pagamento.

Assim, se faz importante estar preparado para circunstâncias financeiras futuras que possa vir a ocorrer. O estudante precisa estar apto a enfrentar contextos ligados com dinheiro, como por exemplo, situações que envolvam “[...] consumo, trabalho, contas, operações bancárias, entre outros assuntos” (Silveira, 2010, p. 16). Para tanto, é importante inserir conceitos de educação financeira já no ensino fundamental, tornando este tema presente na vida das pessoas o mais cedo possível. O desafio é estabelecer uma familiaridade como o uso correto do dinheiro desde quando criança, pois quanto mais claro for os conceitos de finanças, mais fácil se torna a solução de futuras situações cotidianas que possa a vir envolver juros, inflação, valor do dinheiro no tempo e planejamento financeiro (Lima & De Sá, 2010).

Uma opção para o controlar os gastos pessoais é utilizar registros financeiros mensais (Gitman, 2010), uma vez que essa prática pode ser possível de controlar os orçamentos financeiros a curto prazo por meio do uso de planilhas mensais. Gropelli e Nikbakht (1998)

também destacam ao controle financeiro o planejamento financeiro, onde é estabelecida e definida qual a tomada de decisão mais vantajosa e é nesta hora que se deve ter atenção e cuidado redobrado para fazer a escolha certa. Situações financeiras futuras também podem ser planejadas antecipadamente para que se tenha mais tranquilidade quando for preciso pôr em prática. Segundo Hoji (2011), por falta de planejamento e analfabetismo financeiro as pessoas não se preparam para situações em longo prazo, como por exemplo, a chegada da aposentaria, onde é comum ver o orçamento mensal diminuir. E por isso, para muitos é preciso continuar trabalhando para que se tenha a renda necessária para cobrir as despesas mensais. Este desequilíbrio financeiro não previsto pode ser evitado quando se faz um levantamento de metas futuras. O planejamento financeiro pessoal deve ser indicado e realizado, respeitando os critérios de prioridade, ou seja, qual objetivo é mais importante. Além disso, deve-se observar o tempo e custo de cada um dos objetivos traçados (Gitman, 2010).

Uma vida financeira em equilíbrio e em ordem traz pontos positivos em todos os aspectos pessoais. Pessoas que tratam bem suas finanças demonstram tranquilidade, uma vez que “percebe-se que as pessoas são mais felizes quando tem suas finanças em dia, não pelo fato de dinheiro trazer felicidade, mas pelo fato de poder realizar seus projetos com mais facilidade, por ter planejado o investimento necessário para tal” (Gräf & Gräf, 2013, p. 185).

Na seção a seguir, são apresentados os recursos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa, no sentido de poder coletar as informações necessárias para jogar luzes ao objetivo aqui proposto.

### **3 Procedimentos Metodológicos**

Este artigo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa e exploratória. Segundo Gil (1999, p. 43), as pesquisas exploratórias são aquelas que “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Assim, a exploração das informações sobre o fenômeno investigado permite uma melhor apreciação sobre o objeto de pesquisa. Já para as pesquisas qualitativas, Bauer e Gaskell (2012) orientam que nestas situações evitam-se os números, e seguem-se um modelo focado em entrevistas e aprofundamento nas interpretações das realidades sociais.

Em pesquisas qualitativas, se pode utilizar como delineamento o estudo de caso, que é definido por Yin (2001, p. 32) como “[...] uma investigação empírica que investiga fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o

contexto são claramente definidos”. Ou seja, tem o objetivo de buscar informações mais detalhadas sobre a realidade do fenômeno em curso, que possam aprofundar e acrescentar o tema de pesquisa. O estudo de caso como design de pesquisa permite a investigação profunda do objeto de pesquisa, aplicando a triangulação de 3 fontes de coleta de dados que possam possibilitar maior clareza sobre a temática aplicada ao contexto de pesquisa, no caso a escola investigada. Assim, se justifica o uso do estudo de caso, uma vez que este vem sendo cada vez mais usado nas pesquisas sociais, servindo com ferramenta essencial com a intenção de “a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação [...]” (Gil, 1999, p. 73).

Nos estudos de caso utiliza-se múltiplas técnicas de coleta de dados para “[...] conferir maior credibilidade aos resultados” (Gil, 2009, p. 55). As técnicas de coleta de dados utilizadas neste estudo de caso foram: a) entrevista por pautas ou semiestruturada; b) evidências em documentação; c) realização de uma entrevista por meio do grupo focal.

Estas técnicas citadas acima são essenciais para a qualidade do estudo aqui abordado. Para Yin (2001, p. 109) “O uso mais importante de documentos é corroborar e valorizar as evidências oriundas de outras fontes”. As entrevistas são fundamentais para descobrir os diferentes pontos de vista da sociedade de um determinado tema. Nesta pesquisa foram usadas duas modalidades de entrevistas, a primeira de forma semiestruturada e a segunda em grupo focal. A entrevista semiestruturada “apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do seu percurso” (Gil, 1999, p. 121). Quanto à entrevista em grupo focal, esta tem como objetivo “[...] estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas dizem no grupo” (Bauer & Gaskell, 2012, p. 75). Em outras palavras, é a interação e discussão entre os entrevistados sobre o tema em pauta.

As técnicas de coletas de dados foram abordadas dentro da escola Estadual de Ensino Médio Afonso Machado Coelho, focalizadas exclusivamente nos cursos de ensino fundamental e médio. O tópico guia desenvolvido para a entrevista semiestruturada e ao grupo focal, contribuiu na realização das entrevistas com professores da disciplina de matemática e a supervisora do ensino fundamental e médio. As entrevistas foram aplicadas em dois momentos distintos para cada modalidade – semiestruturada com a supervisora e o grupo focal com cinco professores. Ambas as técnicas de entrevistas foram realizadas na sala da direção e gravadas por meio de um aplicativo de celular, com o tempo médio de duração de uma hora cada, conforme agendamento prévio realizado.

Para as análises documentais, usou-se o plano de estudo de ambos os cursos da escola e os documentos orientadores de educação básica publicados pelo MEC, que neste caso, foram o PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Para as entrevistas, seguiu-se as duas modalidades citadas anteriormente, a semiestruturada que foi realizada com a supervisora do ensino fundamental e médio da instituição usada como objeto de estudo desta pesquisa, e a entrevista em grupo focal foi realizada com um grupo de professores da disciplina de matemática da escola Afonso Machado Coelho.

O método de análise de dados usado foi a análise de conteúdo, que “[...] é um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais” (Bauer, & Gaskell, 2012, p. 190). Por meio deste método é realizado a análise de conteúdo das informações coletadas e orientadas à luz do objetivo da pesquisa e desta forma, é possível renovar “[...] cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (Bauer & Gaskell, 2012, p. 192).

### **3.1 Contextualização da escola**

A escola na qual foi abordado o tema deste artigo foi a Escola Estadual de Ensino Médio Afonso Machado Coelho, instituição de ensino regular, composta pelos cursos de ensino fundamental e médio. A escola situa-se no centro do município de Triunfo, RS, Brasil. Em 2017, ela possui aproximadamente 850 alunos, onde estes, estão divididos entre os turnos da manhã, tarde e noite. A escola está presente na cidade há mais de 70 anos. Seu objetivo, desde a sua fundação, foi de oferecer uma educação de qualidade, visando à formação de cidadãos éticos, solidários e capazes de competir na sociedade.

Além disso, a escola propõe dentro do seu plano de estudo a formação de indivíduos autônomos e capazes de se inserirem em comunidades dinâmicas, mutantes e democráticas, provendo assim o seu crescimento. Diante deste contexto, em que existe uma preocupação por parte da escola em desenvolver o lado crítico dos seus alunos, se torna interessante trazer a temática de educação financeira nas abordagens em sala de aula, buscando aproximar situações e temas financeiros com as vivências das crianças e dos jovens no seu dia a dia.

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nessa seção será mostrado o processo de análise de dados desta pesquisa. Os dados foram coletados por meio de análise documentais dos planos de estudo dos cursos de ensino fundamental e médio da Escola Afonso Machado Coelho, dos documentos orientadores de educação básica publicados pelo Ministério de Educação, e ainda, mediante a realização de

entrevistas individuais e em grupo focal com os professores da disciplina de matemática de ambos os cursos e com a supervisora do ensino fundamental e médio.

#### **4.1 Atuais técnicas pedagógicas relacionadas com a Educação Financeira**

Inicialmente foi realizado uma análise dos atuais documentos orientadores de educação básica previstos para as escolas de ensino fundamental e médio, os chamados PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) onde através dos mesmos, pode-se verificar que a educação financeira não é mencionada como uma matéria de estudo isolada, mas que é possível relacioná-la dentro das especificações descritas para a disciplina de matemática. Conforme o documento a matemática é disciplina que “[...] está presente na vida de todas as pessoas, em situações em que é preciso, por exemplo, quantificar, calcular, localizar um objeto no espaço, ler gráficos e mapas, fazer previsões” (Brasil, 1998), e que é nesta área que deve-se desenvolver competências e habilidades para que o aluno possa entender a sociedade em que vive. Os documentos orientadores de educação básica não citam explicitamente quais são os conteúdos que devem ser abordados em sala de aula para conseguir relacionar situações cotidianas com o aprendizado em sala de aula, eles apenas norteiam quais são as competências que os alunos devem adquirir em cada etapa dos cursos de ensino fundamental e médio, e constroem orientações e propósitos para que as próprias escolas públicas e privadas possam desenvolver o seu plano de estudo escolar de acordo com estes parâmetros (Lima & De Sá, 2010).

Na escola Afonso Machado Coelho, instituição onde este estudo foi abordado, a educação financeira não é apresentada como uma disciplina específica, somente temas e conteúdos que relacionam finanças estão vinculados com a matemática. Em entrevista realizada em grupo focal, “Nós trabalhamos assim, algo pontual dentro da matemática” (Entrevistada 1, Grupo Focal) e que “Na verdade tem a matemática financeira no terceiro ano, que está dentro do plano de estudo” (Entrevistada 5, Individual). Ainda conforme relatos dos professores de matemática entrevistados em grupo, é a partir do sexto ano que começam a ser apresentados aos alunos os primeiros estudos de temas financeiros, “Nos sextos anos eles têm as primeiras noções de porcentagem, eu acredito que dentro de uma noção bem básica como: tipo 5% de R\$30,00 (trinta) reais, bem o básico mesmo. No sétimo ano eles já têm porcentagem e juros simples” (Entrevistada 4, Grupo Focal).

Observando ainda o plano de estudo dos cursos de ensino fundamental e médio da escola Afonso Machado Coelho, verificou-se que no sexto e sétimo ano do ensino fundamental são estudados alguns conteúdos voltados para a área financeira, como “[...] noção de porcentagem,

conversão de medidas, grandezas proporcionais, regra de três – simples, razão e proporção, porcentagem e juros[...]” (Plano de estudo, Matemática, Conteúdo Programático, Sexto e Sétimo ano do Ensino Fundamental). Conteúdos como estes facilitam o entendimento daquelas pessoas que não têm uma noção clara e significativa das taxas e juros que as empresas e instituições cobram sobre os produtos vendidos a prazo (Theodoro, 2010) e ao trazer estas práticas de rotinas para a sala de aula, enriquece o conhecimento do aluno despertando o seu interesse no momento que assimilam o tema com as situações do cotidiano (Silveira, 2010; Krüger, 2014).

Ainda com base na análise dos planos de estudo da escola apresentado no parágrafo anterior, apurou-se que, as temáticas financeiras só voltam a aparecer em sala de aula no segundo e terceiro ano do ensino médio, onde são aplicadas as “[...] noções de probabilidades, estatística e matemática financeira [...]” (Plano de Estudo, Matemática, Conteúdo Programático, Segundo e Terceiro ano do Ensino Médio), tendo como objetivo para o terceiro ano do ensino médio a proposta de trazer “[...] atividades de matemática que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico do aluno tornando-o capaz de compreender melhor e resolver seus problemas do cotidiano” (Plano de estudo, Matemática, Objetivos, Terceiro Ano do Ensino Médio). Esta aplicação conforme comentada pelos próprios educadores da escola ocorre de forma tardia, “É muito conteúdo que a gente tem que trabalhar, quando chega lá na matemática financeira que geralmente fica para o último trimestre do terceiro ano, se vê o básico do básico, quando a turma rende” (Entrevistada 4, Grupo Focal).

Desta forma, os professores buscam aplicar técnicas de abordagem práticas dentro da sala de aula para que o aluno possa ampliar suas visões e desenvolver o raciocínio crítico ligados a situações financeiras reais e presentes na sua vida (Krüger, 2014). Exemplos práticos são trazidos para as aulas, como cita uma das professoras que busca mostrar “Algumas reportagens do dia-a-dia, como por exemplo, algum panfleto de loja, para mostrar estas questões de juros e tal, para mostrar a diferença de quanto você paga à vista e quanto você paga a prazo”. (Entrevistada 3, Grupo Focal). Outra entrevistada comenta também que traz em suas aulas “[...] situação prática, tipo anúncio de uma vitrine em uma loja, à vista é um valor e em 10 vezes é tal valor, [...] as lojas querem vender a prazo porque tem uma estratégia [...] os alunos deveriam ser preparados para não cair nessas armadilhas do sistema financeiro” (Entrevistada 5, Individual).

É importante que as escolas tragam estes conceitos financeiros para dentro da sala de aula formando cidadãos aptos a avaliarem, identificarem e ainda capazes de resolverem as

situações financeiras que se apresentam em sua vida (De Souza, 2012), pois estes conceitos financeiros devem ser amadurecidos com o tempo na vida escolar para que possam ser refletidos de forma promissora no futuro da sociedade (Krüger, 2014; Júnior & Schimiguel, 2009; Brasil, 2015).

Assim, diante das análises realizadas acima, pôde-se então compreender que as atuais técnicas utilizadas pelos professores em sala de aula dentro da instituição Afonso Machado Coelho, no que tange à educação financeira, são trabalhadas dentro da disciplina de matemática, onde a temática financeira é aplicada a partir do sexto ano do ensino fundamental, mediante apresentações de matérias traçadas pelo plano de estudo escolar, onde são abordados temas como porcentagem, juros, acréscimos e descontos (Brasil, 2015). A matemática financeira em si, surge somente no último trimestre do terceiro ano do ensino médio, observa-se que ocorre de forma tardia, pois dependendo do rendimento da turma no período letivo, existe a possibilidade de não haver tempo suficiente para abordar o conteúdo de forma integral (Krüger, 2014). Os educadores buscam abordar a temática financeira de forma prática, para que aluno consiga relacionar as situações do cotidiano com o conhecimento financeiro aplicado em sala de aula, trazendo exemplos práticos e reais, como reportagens e panfletos de lojas, onde destacam as formas de pagamento e os possíveis juros inclusos.

#### **4.2 Novas abordagens de ensino para a Educação Financeira**

Esta seção tem a finalidade de trazer ideias e conceitos sobre novas formas de abordagem em sala de aula no que se refere a educação financeira. Para tanto, foi realizada a análise do *corpora* de dados coletados.

Para atender as necessidades e exigências da sociedade contemporânea, houve a necessidade de reformular as políticas curriculares, o MEC criou então, a Base Nacional Comum Curricular, publicada em versão de revista em abril de 2016, este documento se apresenta de uma forma mais minuciosa e objetiva que os PCNs citado na seção anterior. Conforme este novo documento, a matemática deve trazer situações do cotidiano através da elaboração de problemas matemáticos, desenvolvendo no aluno a capacidade crítica, argumentativa e reflexiva (Brasil, 2016).

Autores citados neste artigo defendem que a matemática financeira deve preparar os alunos para a vida, trabalhando desde as séries iniciais assuntos financeiros que sigam o ritmo da economia e fazendo com que os alunos fiquem íntimos às situações que envolvam o dinheiro, juros, inflação, planejamento financeiro pessoal e familiar (Silveira, 2010; Lima & De Sá, 2010;

Júnior & Schimiguel, 2009). Conforme a BNCC, os alunos devem conseguir assimilar os conteúdos passados em sala de aula com a vida real, “[...] estabelecendo inter-relações entre eles, utilizando conhecimentos relativos à aritmética, à geometria, às medidas, à álgebra, à estatística e à probabilidade [...]” (Brasil, 2016, p. 134). Em entrevista individual e focal as professoras citam a importância de trazer temas como economia e finanças para que a criança e o jovem tomem consciência financeira e possam se adaptar dentro das condições em que o país se encontra, “[...] teríamos que falar mais sobre a economia atual do país, é uma cultura que tem que ser desenvolvida na criança, porque o que a gente vive hoje é um período de recessão. É necessário se controlar e se auto organizar dentro da sua condição de salário” (Entrevistada 5, Individual). Em outro relato é apontado que “um tema importante para ser abordado em sala de aula é o planejamento financeiro familiar” (Entrevistada 1, Grupo Focal).

Autores citados no referencial teórico deste artigo, enfatizam o quão importante que crianças e jovens comecem a receber conceitos financeiros o mais cedo possível, pois o seu processo de aprendizado é longo e gradativo, ensina-se uma criança hoje para que na fase adulta ela consiga administrar e usar o seu dinheiro de forma consciente e responsável (Lima & De Sá, 2010; Theodoro, 2010; De Souza, 2012). Em entrevista em grupo focal umas das professoras fala do quão relevante é para a educação a abordagem de temas financeiros para as crianças mais novas, iniciando o seu aprendizado já no início da vida escolar “Seria importante poder reforçar estas questões de porcentagem, juros simples, juro composto, acréscimo e tudo mais o mais cedo possível [...]” (Entrevistada 3, Grupo Focal). Ainda dentro deste contexto, outra professora da escola relata a facilidade que as crianças de hoje em dia têm em aprender, e devido a isto, deve-se trazer os assuntos financeiros para as crianças de idade menor.

[...] é comprovado, que as crianças têm facilidade em aprender mais rápido. Então se for falar pra elas destas questões financeiras lá nas séries iniciais, elas já vão desenvolver esta cultura, e elas mesmos depois vão encontrar as formas melhores para objetivar as suas escolhas (Entrevistada 5, Individual).

Percebeu-se que no plano de estudo da escola Afonso Machado Coelho temas financeiros são contemplados em apenas algumas séries finais do ensino fundamental e médio, temas como “[...] noção de porcentagem, razão e proporção, porcentagem e juros, matemática financeira” (Plano de Estudo, Matemática, Conteúdo Programático, Ensino Fundamental e Médio) e que não são em todas as turmas que estes conteúdos são debatidos, as séries do primeiro ano até o quinto não são identificadas abordagens relacionadas com finanças (Brasil, 2016).

Em entrevista com a supervisora do ensino fundamental e médio, ela explica que o ensinamento para crianças é mais fácil do que para os jovens, “[...] eu consigo ensinar muito mais o meu ensino fundamental do que o meu ensino médio. Os adolescentes começam a se dispersar mais, começam a viver a vida mais agitada” (Entrevistada 5, Individual). Assim torna-se interessante disseminar a educação financeira logo no início da vida escolar do aluno, para que ele possa amadurecer os seus conceitos financeiros progressivamente (Lima & De Sá, 2010), ensina-se uma criança hoje para que daqui 10, 20, 30 se possa transparecer os resultados positivos desta educação na sociedade (De Souza, 2012; Brasil, 2015).

O documento em análise, o BNCC, sugere que já nos anos iniciais do ensino fundamental sejam desenvolvidos conceitos de Probabilidade e de Estatística, para que os alunos comecem a entender questões sociais que envolvem a incerteza, e para que os mesmos possam “[...] coletar, organizar e analisar informações, construir e interpretar tabelas e gráficos simples para comunicar os dados obtidos, formulando argumentos, tendo por base a análise de dados organizados em representações matemáticas diversas” (Brasil, 2016, p. 266). O documento ainda cita que a “[...] análise de dados estatísticos sobre a economia, juntamente com dados levantados pelos/as estudantes, contribui para a formação no campo da Educação Financeira [...]”.

Existe uma preocupação em formar alunos preparados para a vida, capazes de pensar, analisar, criticar e argumentar (Grando, & Schneider, 2012). Conforme opiniões expostas pelas entrevistadas, entendeu-se que é possível enquadrar este assunto dentro dos temas transversais, que são aqueles temas nos quais as escolas tem o livre-arbítrio para escolher conteúdos extracurriculares para incluir no seu plano de estudo, como forma de tratar de temas importantes e presentes no cotidiano dos alunos e da sociedade (Brasil 2016).

Observou-se que a escola realmente traz os temas transversais opcionais para cada série do ensino fundamental e médio, mas que em nenhum dos temas a educação financeira se faz presente (De Souza, 2012), existe pouca diversidade nos temas, dando maior ênfase a assuntos como “Meio ambiente, sexualidade e Relações Interpessoal (educar para paz)” (Plano de Estudo, Matemática, Conteúdos Transversais, Ensino Fundamental e Médio). Uma das professoras entrevistadas afirma que “[...] a educação financeira cabe nos temas transversais, que é aqueles em que o professor tem a opção de trabalhar. Mas na verdade a gente acaba não trabalhando porque o tempo já é curto para as disciplinas do currículo, que são obrigatórias” (Entrevistada 5, Individual).

É importante incluir dentro dos temas transversais, abordagens referentes a educação financeira, trazendo junto com a matemática a conscientização do consumo, pois são temas como estes que ajudam na formação consciente do futuro cidadão (Theodoro, 2010). O novo documento orientador também se preocupou em reformular estes temas transversais, renomeando-os como ‘Temas Especiais’, estes temas estão relacionados com “[...] todas as áreas do conhecimento e têm relevância social porque contribuem para a reflexão sobre a organização da sociedade brasileira e para o debate sobre direitos inerentes ao exercício da cidadania” (BRASIL, 2016, p. 48).

Para suprir esta ausência da educação financeira como uma abordagem distinta, os professores buscam alternativas inovadoras para tratar dentro do conteúdo programático situações financeiras reais Coelho (2014). Além dos exemplos práticos de anúncios de lojas, citados na seção anterior, os educadores buscam utilizar tecnologias digitais, como a calculadora científica e os aplicativos dos smartphones como ferramentas de auxílios nas abordagens de temas financeiros. A BNCC indica o “[...] uso de calculadoras, para avaliar e comparar resultados, e também o uso de planilhas eletrônicas, que ajudam na construção de gráficos” (Brasil, 2016). A professora entrevistada em grupo, relata que incentiva seus alunos a usarem a calculadora científica, por ter opções mais avançadas e facilitadoras para o entendimento dos seus alunos “[...] tem a científica, daí algumas coisas que a gente usa no dia a dia, tipo logaritmo, expoente, juros, enfim estas coisas assim, eu ensino eles a usarem ali na calculadora” (Entrevistada 2, Grupo Focal). Da mesma forma, a supervisora do ensino fundamental e médio também confirma o uso desta tecnologia, “As reportagens e propagandas eu uso bastante, assim como ajudo e trago a calculadora científica para ensinar eles a usar a fórmula dos juros simples, por exemplo [...]” (Entrevistada 5, Individual).

Por meio das análises realizadas, se verifica que é importante o uso de recursos tecnológicos em situações do cotidiano, relacionando-os como uma ferramenta de auxílio essencial nas tomadas de decisões financeiras (Silveira, 2010). Por meio do uso de calculadoras financeiras é possível se obter resultados mais precisos e satisfatórios, ajudando no momento de decisão de uma compra, um investimento ou qualquer outra operação financeira (Lima & De Sá, 2010; Grando & Schneider, 2012).

Assim, diante das análises obtidas nesta seção, verificou-se que os tipos de abordagem atuais têm a preocupação de trazer a educação financeira mais cedo para vida dos alunos, iniciando os seus conceitos financeiros já nas séries iniciais do ensino fundamental (Correia, 2015). Por meio de abordagens introdutórias sobre estatísticas e probabilidade, temas estes que

ainda não são tão presentes nas grades curriculares das escolas – mas que são essenciais para que a criança e o jovem possam entender temas sociais que envolvem a incerteza – pode contribuir para compreensão e interpretação de dados presentes no cotidiano, como os gráficos e tabelas.

Constatou-se também, que é interessante abordar mais cedo os conceitos e práticas de juros e porcentagem, para que o aluno possa ir amadurecendo e consolidando o seu entendimento até a fase final da vida escolar e assim estar mais preparado no momento em que necessitar aplicá-los na vida adulta (Wisniewski, 2011). Os dados apontaram o uso de utilização de ferramentas digitais para o tratamento de questões financeiras, tais como a calculadora científica e planilhas eletrônicas, consideradas como grandes auxiliares no entendimento de finanças e ótimas ferramentas que ajudam nas tomadas de decisões financeiras Krüger (2014).

Por fim, os dados certificaram que é possível trazer a educação financeira para dentro das salas de aula por meio dos temas transversais, aos quais as escolas têm a opção de aplicar aqueles temas importantes para a sociedade como um todo, assuntos como economia, consumo, planejamento financeiro, inflação, são temas presentes na área financeira e que todo cidadão deve ter acesso e conhecimento.

### **4.3 Impacto da Educação Financeira nas Finanças Pessoais**

A nova geração jovem precisa ampliar seus conhecimentos financeiros para se adaptar as diversas situações nos quais se deparam no cotidiano, seja para enfrentar momentos de crise ou simplesmente para garantir uma vida financeira tranquila e equilibrada em curto e longo prazo. Porém, para que se tenha bons resultados financeiros no futuro é preciso ter uma boa educação financeira no presente (Brasil, 2015). A BNCC, novo documento orientador de educação básica do MEC, mostra que as escolas têm a função de formar crianças e adolescentes aptas a enfrentarem a realidade presente, as escolas devem “[...] contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar iniciativas que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes” (BRASIL, 2016, p. 49).

Por meio da educação financeira é possível avaliar situações de risco diante de um investimento, aplicação, aquisição de bens. Suas aplicações ampliam as habilidades das pessoas, que passam a tomar atitudes mais bem pensadas e planejadas (Krüger, 2014; Júnior & Schimiguel, 2009). Levando em conta estes aspectos, na realização das entrevistas foi debatida a relevância da educação financeira para os alunos em suas finanças pessoais, nos quais os

professores descreveram que percebem a influência da educação financeira para a vida do aluno, principalmente daqueles alunos que começam a trabalhar e ganhar as suas primeiras rendas “quando eles começam a receber os primeiros salários, eles começam a pensar melhor de como devem gastar, começam a valorizar mais o dinheiro que recebem.” (Entrevistada 1, Grupo Focal), a supervisora do ensino fundamental e médio defende a abordagem da educação financeira, considerando-a de extrema importância para a formação de um adulto consciente, pois com o seu uso seria possível:

[...] evitar que as famílias se perdessem em seus orçamentos, se tornando inadimplentes. Fazer o indivíduo não enxergar apenas a parcela mínima e sim o montante. O professor pode fazer isso, pegando o aluno desde pequenininho e mostrando esta conscientização de consumo [...] (Entrevistada 5, Individual).

Esta conscientização financeira é importante para o uso controlado do dinheiro, as pessoas são motivadas por compras impulsivas sem a devida análise e planejamento, não analisando o grau de impacto que o consumo momentâneo e irracional pode refletir nas suas finanças (Theodoro, 2010; Gräf & Gräf, 2013). Para a supervisora entrevistada “A educação financeira reflete muito na vida das pessoas, auxilia no planejamento, no controle, enfim na administração do dinheiro como um todo”. (Entrevistada 5, Individual).

O uso da educação financeira reflete na boa e eficiente administração do dinheiro, servindo como auxílio nas tomadas de decisões, por meio do entendimento de termos financeiros o indivíduo tem uma visão mais clara, conseguindo diferenciar, por exemplo, as condições impostas em compras a prazo e à vista (Banco Central do Brasil, 2013; Savoia, Saito & Santana, 2007; Grandó & Schneider, 2012). Para a BNCC, é papel das escolas abordar a educação financeira, contribuindo desta forma para a construção de cidadãos mais responsáveis e comprometidos com suas finanças. O fator de maior relevância ao debater a educação financeira é o seu impacto nas tomadas de decisões, pois com a aplicação dos seus conceitos é possível ampliar “[...] a visão do aluno nas tomadas de decisões, seja nesta questão de economia, onde é preciso ter um olhar mais crítico, saber analisar as condições impostas no mercado, conseguir perceber o risco nas operações financeiras” (Entrevistada 4, Grupo Focal).

Desta forma, diante das evidências apontadas em entrevista individual e focal, e ainda por meio das análises documentais, verificou-se que por meio da aplicação da educação financeira para os alunos do ensino fundamental e médio, o maior impacto que se percebe em relação a educação financeira com as finanças pessoais presentes e futuras destes estudantes é a influência nas tomadas de decisões (De Souza, 2012), nos quais os alunos usam dos

conhecimentos financeiros adquiridos em sala de aula para decidir as escolhas financeiras mais corretas e adequadas diante de situações pertinentes do seu cotidiano (Duarte, Tassote, Viana & Dias, 2012). Trazer a educação financeira como uma nova temática em sala de aula é fundamental para conscientizar e amadurecer o pensamento da criança e do adolescente no uso de suas finanças pessoais, pois é desenvolvido o raciocínio crítico e analítico, formando cidadãos mais responsáveis e capacitados em administrar os seus recursos financeiros de forma mais eficiente e segura.

## **5 Considerações Finais**

Retomando, o presente artigo teve como objetivo geral analisar a importância da educação financeira aplicada para os alunos de ensino fundamental e médio na escola investigada. Foram usados como embasamento referenciais teóricos e a análise dos dados coletados na escola Afonso Machado Coelho.

Por meio das análises obtidas, foi possível ter uma maior clareza sobre o caso investigado no que tange as técnicas pedagógicas desenvolvidas atualmente pelos professores na perspectiva da educação financeira. Assim sendo, percebeu-se ao final das análises das coletas de dados que a educação financeira é um assunto pouco abordado em sala de aula, apesar de sua relevância para a presente e futura sociedade. O assunto é aplicado somente dentro de conteúdos da disciplina de matemática. Temas como porcentagem, juros, acréscimos e descontos, são trazidos nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, ficando um longo período do primeiro ano até o quinto ano sem que haja nenhuma reflexão financeira para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Já no ensino médio, a única evidência de abordagem foi destacada dentro do segundo e terceiro ano, onde enfim é apresentada a matemática financeira, que conforme os próprios professores relatam, ocorre de forma tardia.

Foi possível também verificar que devido a carência de educação financeira e de outros temas pertinentes na vida dos estudantes (juntamente com a necessidade de formar cidadãos conscientes e responsáveis), o MEC precisou reformular seus documentos orientadores curriculares de educação básica, criando a Base Nacional Curricular Comum, com a proposta de trazer inovações de acordo com o que a sociedade contemporânea necessita. Neste documento é identificado os temas especiais, conhecido também como temas transversais, no qual traz a educação financeira com uma abordagem extracurricular, tendo o intuito de formar uma sociedade mais consciente e autônoma nas suas decisões financeiras. Contribuindo, foi identificado por meio da percepção dos entrevistados, que a educação financeira, quando

aplicada em sala de aula, impacta diretamente nas tomadas de decisões financeiras presentes e futuras dos alunos do ensino fundamental e médio. Por meio da sua abordagem é possível analisar de forma mais clara e eficiente os riscos de determinadas operações financeiras vivenciadas no dia a dia do aluno.

Assim, diante das análises realizadas ao longo desta pesquisa chegou-se a resposta do objetivo geral deste artigo, no qual concluiu-se que a educação financeira torna-se uma grande ferramenta de auxílio financeiro para os alunos de ensino fundamental e médio, ajudando-os a decidir melhor suas tomadas de decisões financeiras presentes e futuras, contribuindo de forma significativa para que a sociedade se torne mais consciente e consiga administrar os seus recursos financeiros de forma eficiente, mantendo suas finanças em um equilíbrio mais estável.

Contudo, é possível então, responder à questão problemática que acarretou o início desta pesquisa: Qual a importância de se ter educação financeira dentro do ensino fundamental e médio? Constatou-se que é importante a abordagem de temas financeiros dentro das escolas para que se possa desenvolver de forma gradativa habilidades e competências de raciocínio financeiro nas crianças e nos jovens dos níveis de ensino fundamental e médio, fazendo com que estes mantenham uma vida financeira mais promissora e consigam administrar e usar o dinheiro de forma adequada.

Como foi observado durante a pesquisa, ainda existe uma grande ausência de educação financeira na escola pesquisada. Nesse sentido, se sugere uma reestruturação nas propostas pedagógicas da escola no sentido de qualificar o ensino da matemática financeira aos estudantes. Essa estratégia pode, também, ser aplicada a outras instituições de ensino fundamental e médio que tenham interesse, adaptando a educação financeira de forma mais perceptível nas temáticas de ensino em cada contexto. A BNCC, é um documento orientador criado pelo MEC que veio com este propósito, trazer assuntos atuais, com temas pertinentes à cidadania. Para as escolas, fica o papel de abranger esta ideia e de fazer a revisão dos seus planos de ensino, objetivando a implantação da educação financeira e conciliando-a com as demais atividades do período letivo. É preciso que haja maior incentivo e melhor aproveitamento desta abordagem em sala de aula, para evitar que estes futuros adultos usem de forma inadequada os seus recursos, diminuindo inclusive os riscos de dívidas não planejadas, perdas financeiras e inadimplência.

É interessante e sugestivo ainda que as instituições de ensino, junto com o apoio do governo, desenvolvam programas e palestras de alfabetização financeira dentro do ensino fundamental e médio, com o objetivo de mostrar o consumo consciente e as técnicas e

habilidades de como tomar as decisões mais correta diante de uma situação financeira. É necessário preparar os educadores por meio de cursos ou treinamentos, onde sejam apresentadas novas formas didáticas aplicáveis em sala de aula, aumentando o grau de capacitação profissional do professor para abordar a temática financeira com os alunos, conciliando-a com a realidade atual da sociedade.

Por fim, com base nos resultados obtidos neste artigo, fica o indicativo para estudos futuros que possam relacionar outras variáveis teóricas com a temática da educação financeira. Como exemplo, se pode realizar um estudo sobre a influência do analfabetismo financeiro sobre o comportamento do consumidor, investigando quais os fatores que mais impactam para o aumento do índice de endividamento e inadimplência na sociedade. O presente estudo também pode ser abordado futuramente em uma instituição escolar privada, afim de analisar as possíveis diferenças de metodologias e aplicações da temática financeira com a de uma escola pública e avaliar o comportamento financeiro destes alunos.

## Referências

Banco Central do Brasil. (2013). *Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais*. Brasília: BCB, 2013. Recuperado em 13 abril, 2016 de [https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno\\_cidadania\\_financeira.pdf](https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf).

Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Org.). (2012). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Brasil. Ministério da defesa - Exército brasileiro - Comando de operações especiais. (2015) *Caderno de instrução de educação financeira*. [Brasília]: [Ministério da defesa - Exército brasileiro - Comando de operações especiais].

Brasil. Secretária de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Matemática*. Brasília.

Brasil. Ministério da Educação. (2016). *Base Nacional Comum Curricular – BCNN 2ª versão*. Recuperado em 24 agosto, 2016 de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>.

Coelho, T. C. F. (2014). *Educação financeira para crianças e adolescentes*. Monografia (Graduação em Administração) – Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil. Disponível em: <<http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/tcc>>.

Correia, F. W. S. (2015). *Educação financeira*. Monografia (Pós-graduação Gestão financeira moderna) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil. Disponível: <http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/tcc>.

De Souza, D. P. (2012). *A importância da educação financeira infantil*. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) – Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG, Brasil. Disponível: <http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/importancia-da-educacao-financeira-infantil.pdf>.

Duarte, P. C. X., Viana, D. S., Tassote, E. M., & Dias, M. V. (2012). Matemática financeira: um alicerce para o exercício da cidadania. *Nucleus*, 9(1), 195-208. Recuperado em 24 março, 2016 de <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/698>.

Gil, A. C. (2009). *Estudo de caso*. São Paulo: Atlas.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas: São Paulo.

Gitman, L. J. (2010). *Princípios de administração financeira*. 12. ed. São Paulo: Pearson.

Gräf, C. O., & Gräf, M. (2013). Planejamento financeiro: Fugindo das dívidas. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 11(2), 183-191. Recuperado em 22 março, 2016 de <http://www.periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1106>.

Grando, N. I., & Schneider, I. J. (2012). Matemática financeira: relações entre situações reais e educação para o consumo Financial math: relationships between real situations and education for consumption. *Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática*, 6(2), 81-95. Recuperado em 23 março, 2016 de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2011v6n2p81>.

Groppelli, A. A.; Nikbakht, E. (1998). *Administração financeira*. 3. ed. São Paulo: Saraiva.

Hoji, M. (2011). *Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal*. 3. ed. São Paulo: Atlas.

Júnior, H. R., & Schimiguel, J. (2009). Educação matemática financeira: conhecimentos financeiros para a cidadania e inclusão. *InterSciencePlace*, 1(9). Recuperado em 22 março, 2016 de <http://ftp.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/91/90>.

Krüger, F. (2014). *Avaliação da educação financeira no orçamento familiar*. Trabalhos de conclusão de curso (Tecnólogo em Processos Gerenciais) - Faculdade de Tecnologia Pedro Rogério Garcia – FATTEP, Concórdia, SC, Brasil. Disponível: <http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/fernandakruger.pdf>

Lima, C. B., & De Sá, I. P. (2010). Matemática financeira no ensino fundamental. *Revista Eletrônica TECCEN*, 3(1), 34-43. Recuperado em 24 março, 2016 de <http://editorauss.uss.br/index.php/TECCEN/article/view/50>.

Savoia, J. R. P., Saito, A. T., & Santana, F.A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, RJ, 41(6), 1121-1141. Recuperado em 07 março, 2016 de <http://w.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>.

Silveira, C. C. (2010). *Um estudo sobre a matemática financeira em uma escola pública do município de Canoas*. Trabalho de Conclusão (Graduação em Matemática) - Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil. Disponível:

[http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/tcc/graduacao/matematica/2010/ccsilveira.pdf](http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/matematica/2010/ccsilveira.pdf).

Theodoro, F. R. F. (2010). Matemática e educação financeira: uma experiência com o ensino médio. *Revista de Educação*, 13(15), 171-179. Recuperado em 24 março, 2016 de <<http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/1873>.

Wisniewski, M. L. G. (2011). A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. *Revista Intersaberes*, 6(11),155-170. Recuperado em 23 março, 2016 de <http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/32/17>.

Yin, R. K. (2001) *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.